

**22/2/1985**

**Bóias-frias: o fim da greve em Guará e Ituverava.**

Terminou ontem a greve dos bóias-frias apanhadores de algodão em Ituverava e Guará, na região de Ribeirão Preto. Cerca de 500 trabalhadores reuniram-se ontem a noite em assembléia, em Guará, pondo fim ao movimento iniciado segunda-feira.

Nas duas cidades, ontem, houve confronto entre a polícia e os grevistas e oito pessoas foram detidas só liberadas à tarde. Pela manhã, por volta de 7 horas, um grupo de 60 piqueteiros, que tentava impedir, que bóias-frias voltassem ao trabalho na fazenda Ribeiro, em Guará foi dispersado a golpes de cassetetes. Pelo menos dez pessoas ficaram feridas.

A tensão tomou conta da cidade de 15 mil habitantes e os comerciantes, temendo a ameaça de saques, fecharam as portas. O destacamento da Polícia Militar pediu reforço e, à tarde, cerca de 80 policiais do Pelotão de Choque de Franca patrulhavam a cidade. "A coisa esteve feia e está todo mundo com medo de bagunça, pois esses trabalhadores recebem nos finais de semana e, neste sábado, não terão dinheiro para comer", explicou, assustado, o prefeito Alcides Furtado (PDS).

Todas as seis pessoas detidas, no incidente foram liberadas e o prosseguimento dos piquetes foi discutido no centro da cidade, onde os vários grupos formados reclamavam violência policial. Também em Ituverava, município de 30 mil habitantes, a 13 quilômetros de Guará, foram registrados incidentes entre a polícia e os grevistas. Duas pessoas foram detidas e indiciadas por "paralisação de trabalhadores seguida violência", conforme consta no boletim. Os piqueteiros tentaram parar um caminhão que transportava trabalhadores para o distrito de São Benedito, quando a PM chegou.

"A maioria queria trabalhar e a polícia foi lá para acalmar e acabou sendo agredida", assegurou o delegado Martins Filho.

Em Ituverava, mais da metade dos nove mil bóias-frias que entraram em greve quarta-feira retornou trabalho ontem, pois, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Eurípedes Norato do Nascimento, "ficaram com medo de apanhar e ainda perder o dia de serviço".

Os trabalhadores reivindicavam cinco mil cruzeiros por arroba colhida (estavam recebendo entre mil e 2.500 na primeira fase da colheita) mais o fornecimento da sacola, liberdade para fiscalização na balança por sindicalistas e o pagamento dobrado do algodão sujo. No acordo firmado entre o sindicato patronal e a Fetaesp foi combinado o pagamento de três mil cruzeiros por arroba, e a entrega de uma anotação tilaria de produção. Os produtores que, na quarta-feira, bloquearam a via Anhangüera com máquinas prometeram conceder outro reajuste em março, caso o governo Tancredo Neves fixe novos preços para o algodão.

**(Página 9)**